



Por mais que tentasse, ela não se lembrava. De que valia uma vida sem passado?

«Quem sou eu?»

BRYAN SMITH

ELA RECORDAVA os murros, chutes e o gosto do sangue na boca. Também de rastejar com a ajuda das mãos e dos joelhos, implorando à moça que parasse. De ouvir uma risada e ter sentido um último pontapé terrível.

Agora estava deitada na cama de um hospital com tubos de soro enfiados nos braços. Um homem postado ao lado de sua cama lhe afagava o rosto e a chamava de Mary.

Mary. Esse nome não lhe dizia na-

da. Nada lhe dizia nada. Era como se despertasse de um longo sono.

O homem, cujo nome era Steve, era-lhe vagamente familiar. Estava lá sempre que ela despertava. Escovava seu cabelo, apertava-lhe a mão. Havia qualquer coisa importante a respeito dele, mas o que era?

Ela sentia o quarto tremer e desaparecer e perguntava a si própria: «Quem sou eu? Que está acontecendo comigo? Por que não consigo me lembrar de nada?»

Um neurologista tentou explicar-lhe: um golpe na cabeça fizera que seu cérebro se dilatasse e comprimisse de encontro ao crânio, danificando células nervosas, algumas delas ligadas à fala e aos movimentos. Outras transportavam as recordações. A perda de memória era provavelmente irreversível. O que ela precisava agora era de concentrar esforços para melhorar.

E foi o que Mary fez. No fim de algumas semanas de terapia, já conseguia articular frases completas. Sentava-se sem ficar tonta. Quando Steve lhe pediu para lhe apertar a mão, ela o fez repetidamente. De certo modo tivera sorte, recordou-lhe o médico. «Sorte?», admirou-se ela. «Sim, mas que interesse tem uma vida sem um passado?»

Adivinhando-lhe a depressão, Steve começou a ler-lhe a Bíblia. Antes ela fora muito mística, contou-lhe ele. Talvez Deus tivesse a resposta. Ela seguiu o conselho de Steve e rezou.

E quem seriam as três crianças, uma menina e dois garotos, na foto pendurada ao lado da cama? «Talvez tivessem morrido aqui», pensou ela. «Aquilo deve ser uma lembrança delas. Coitadinhas! Tão lindas!»

Perguntou a Steve e aos médicos, mas eles se mostraram evasivos. Por fim, quando acharam que ela estava preparada, um médico lhe disse que aquelas crianças estavam vivas e bem de saúde; eram seus filhos.

Mary demorou um pouco para compreender aquelas palavras. Ela era mãe.

«Não acredito nisso», pensou ela.

«Essas crianças lindas são meus filhos? Não posso abandoná-las. Elas precisam da mamãe.»

MARY teve alta umas semanas depois. Já sabia que Steve DeVane era seu marido e se acostumara à idéia. Ele tinha sido tão bom para ela durante a recuperação que Mary sentia que estava se apaixonando por ele. Mas viver na mesma casa com um homem que mal conhecia não ia ser fácil.

Reencontrar as crianças também não. Ela devia estar tão diferente da mãe que elas tinham visto dois meses atrás! A nova Mary estava semi-inválida e gaguejava. A paralisia deixara-lhe um olho meio fechado e o outro sempre aberto. Dos braços pendiam tubos, e do lado, um cateter. «Espero que eles estejam preparados para isto», pensou ela enquanto Steve, ajudado pelos vizinhos, a levava escadas acima, para o apartamento deles. «Espero também estar.»

Benjamin, de 4 anos, estava pendurado na porta e anunciou: «Mamãe vem aí!»

Mary sentiu-se feliz com o acolhimento caloroso, mas aquilo durou pouco. Stephany, de 1 ano, começou a chorar quando a viu. Jeramy, de 3 anos, escondeu o rosto no pescoço de Steve, soluçando. «Quero que você vá embora. Quero a minha mamãe de verdade.»

No início arrasada, Mary conseguiu dizer-lhe docemente: «Não me lembro da mamãe antiga. Como ela era?»

Devagar, Jeramy começou a dizer-

-lhe que a mãe o deixava comer balas mesmo quando ele não queria o jantar. Mary riu e Jeramy se aproximou dela. «Jeramy?», disse ela. «Posso pegar você no colo? Prometo que, se você não se sentir bem, ponho logo no chão.»

O garoto subiu no pescoço de Mary e ela lhe pediu que contasse mais coisas da mamãe. «Ela gostava de cantar conosco uma cantiga que se chama *Best Buddies*.»

Mary pediu-lhe que a cantasse com o pai. Quando acabaram, ela deixou escapar a seguinte frase: «Adorei, Germ!»

Jeramy olhou para ela e disse: «A minha mamã antiga costumava me chamar de Germ!» Mary ficou radiante; afinal, não havia esquecido de tudo.

«O coração se prende a coisas que a mente esquece», pensou ela.

Mais tarde, Steve levou-a para o quarto. Pegou em duas alianças de ouro, meteu uma no dedo de Mary e outra no seu. «Bem-vinda a casa, Mary», disse ele. «Eu te amo.»

NOS MESES seguintes, Steve ajudou-a a lembrar o passado. Ela se criara na Virgínia. Acabara o curso secundário em 1977 com altas classificações e continuara assim na Universidade de Richmond. Em 1984, conhecera Steve e meses depois estavam casados.

Seis anos e três filhos mais tarde, quando trabalhava como supervisora num abrigo para jovens com problemas, sofrera o ataque.

Naquela noite de setembro de

1991, pouco depois das 20 horas, Mary reparou que Heather, uma adolescente que estava na sala ao lado, levantava a saia e se exibia para dois rapazes. Depois de ter ralhado com ela e mandado que ela fosse para o quarto, retomou seu trabalho.

Segundos depois, ao inclinar-se sobre uma gaveta do arquivo, sentiu a pancada de uma cadeira na parte de trás da cabeça. Tudo pareceu-lhe ficar branco. Ao vê-la cambalear, a jovem chutou-a na virilha, nas costas e no pescoço com botas de biqueira de metal. Mary tentou se defender. O pontapé final trouxe-lhe um espasmo de sangue e vômitos. Depois, os dois rapazes a arrastaram para o corredor, para longe da moça.

Mary passou dois meses no hospital, recuperando-se de uma lesão no mesencéfalo e da perda de oxigênio no cérebro. Sofrera ainda uma fratura pélvica e apresentava paralisia parcial do lado direito e lesões no olho esquerdo.

Os tratamentos arrasaram as finanças da família. A baixa por doença reduziu a um terço um orçamento familiar, que já era pequeno, deixando Steve a braços com os credores.

Mary e Steve procuraram encontrar uma pessoa que cuidasse dela em casa e olhasse pelas crianças, mas isso não se revelou tarefa fácil. Fosse por não trocar as fraldas do bebê, ou pelo desaparecimento de jóias e dinheiro, ou pelas reclamações dos pequenos de que apanhavam delas, no fim de alguns meses os DeVane já tinham tido várias empregadas.

Todas as noites, Mary era assalta-

da pelos mesmos pesadelos. Uma moça sem rosto perseguia-a por um quarto até um corredor. Mary tentava escapar. Como um prenúncio de morte, um cheiro intenso, agridoce, invadia-lhe as narinas. No corredor, seu braço ficava frio. Havia também algo sobre uma luz vermelha. Gritos incessantes e aterradores explodiam em seus ouvidos e faziam-na acordar soluçando.

Defrontar-se com sua atacante na audiência do julgamento não veio ajudar nada. «Ela destruiu minha vida», disse Mary à juíza Julianne Pigotte, soluçando. «Mas, quando olho para ela, vejo o rosto de meus filhos. Quero ajudá-la.» A juíza concordou, mas disse que Heather precisava ser de algum modo punida. A moça sentada e em silêncio, sem nunca ter pedido desculpas, ouviu a juíza fixar-lhe um ano de permanência num centro de detenção juvenil.

Os pesadelos de Mary se intensificaram. Pior ainda, ela começou a se sentir assustada todas as vezes que via uma adolescente. Procurou a ajuda de um terapeuta, que lhe disse que a melhor forma de exorcizar o medo era confrontar-se com ele. E Mary só tinha uma maneira de fazê-lo: voltar ao abrigo para jovens transviados.

Assim, mais de um ano após o ataque, ela regressou com Steve, o padre de sua igreja e o capelão do hospital. Ao entrar na sala em que Heather a atacara, reparou primeiro como tudo estava calmo. Até então, ela associara aquele lugar a gritos. Depois, sentiu o tal odor forte e agrido-

ce. Ajoelhou-se e encostou o rosto no carpete.

«É isso», descobriu. O cheiro vinha dali.

Com a cabeça a mil, ela passou ao corredor para onde os dois rapazes a tinham arrastado. Tocou com o braço na parede fria e sentiu-o gelar, tal como no sonho. Por cima da porta, ao fundo do vestíbulo, havia a luz vermelha do sinal de saída.

Pouco depois daquela visita, Mary deixou de ter pesadelos.

O RESTANTE de seus problemas, porém, não se resolveu, até piorou. A redução no orçamento familiar obrigou Steve a declarar falência.

Mary começou a ter ataques, e tão depressa estava bem, como caía no chão. Durante um deles, isso aconteceu no banheiro e ela abriu um lanho de 7,5 cm na cabeça.

Esse episódio obrigou Steve a largar o emprego para ficar em casa com Mary, o que só veio a piorar ainda mais o estado de suas finanças, já que agora ele só recebia um salário mínimo, correspondente ao serviço de assistência a doentes.

Os filhos ajudavam de muitas formas, obedecendo a Steve quando ele lhes dizia que a mãe tinha de descansar e ouvindo-o com atenção explicar por que não podia levá-los ao parque como costumava fazer. Mas os meninos sentiam falta da antiga Mary. Uma noite, Jeramy, voltando de uma festa de aniversário, disse à mãe que tinha tomado uma decisão. «Não quero mais fazer anos», disse.

«Por quê?», perguntou-lhe Mary.

«Porque você fez muitos e olha o que lhe aconteceu», respondeu o pequeno. «Você foi para muito longe do seu pai e da sua mãe e se machucou muito.»

Chorando, Mary pensou: «Talvez seja isso mesmo.» Ela passara por muitas festas de aniversário. A solução estava à vista: acabar com tudo.

Sua melhor parte morrera na noite do ataque. Agora vivia numa concha. Todos ficariam melhor sem ela. Seria um ato de amor.

ENTÃO, ela se sentou no computador e delineou um plano de suicídio. «Não estou louca», escreveu ela. «Mas já não suporto essa vida. Vai ser melhor assim. Steve e os meninos poderão viver.»

Completo uma lista de 14 coisas que precisava fazer primeiro, entre elas: «Declarar que todos os meus bens ficavam para Steve.

Escrever a cada um dos meninos, explicando em pormenor quanto os amo e como me custa tê-los visto tão tristes nos últimos dois anos.

Comprar as primeiras sapatilhas de balé para Stephany.

Telefonar ao advogado. Certificar-me de que os meninos continuarão a receber minha pensão.»

A meio do verão de 1993, só lhe faltava tratar de um desses itens. Num tarde de julho, ela sugeriu a Steve que levasse os meninos ao cinema. Depois, colou um bilhete na porta da entrada. «Chame o pastor Doug. Não entre em nosso quarto sem ele. E não deixe os meninos entrarem.» Com tranquilidade e deci-

são dirigiu-se ao armário dos medicamentos e pegou um vidro de comprimidos.

Faltava-lhe cumprir uma última formalidade. Telefonou para o advogado. Se algo lhe acontecesse, perguntou, a família continuaria a receber seus subsídios?

«Claro que não», respondeu o advogado. «A funcionária é você. Se morrer, os subsídios se encerram aí.»

«Então eles não recebem nada?», perguntou Mary, prestes a largar o telefone. «Não», confirmou o advogado. «Nada.»

Desligou e ficou sentada, em silêncio. O suicídio era uma forma de libertar Steve e as crianças, mas ela não podia deixá-los sem dinheiro.

Entorpecida, tornou a guardar os comprimidos no armário. Arrancou o bilhete da porta. Depois, sentou-se e chorou.

Percebia agora que, desde o ataque, concentrara todas as suas energias em tentar recordar-se da antiga Mary. Que bom saber que essa pessoa era tão amada, e sua falta, tão sentida. Aquela Mary tinha tanto e a atual tão pouco.

Mas quanto mais pensava nisso, mais via que não era exatamente a verdade. A Mary de antigamente não tinha uma vida melhor; a da atual é que era diferente. Seria preciso reconhecer isso e seguir em frente. O telefonema fora um alerta. Deus, por qualquer razão, ainda a queria viva. E ela reconheceu para si própria que, apesar de todos os problemas, queria o mesmo. Pouco depois, sentou-se ao computador e escreveu:

«Razões pelas quais não posso fazê-lo:

Porque Steve Clayton DeVane é o grande amor de minha vida. Não posso fazê-lo chorar outra vez. Não posso fazer crer a Ben, a Jeramy e a Stephany que essa é a forma de lidar com a adversidade. Quero estar presente nas festas de fim de curso, nos casamentos, no nascimento dos netos. Não posso desperdiçar o resto de minha vida.»

AOS POUCOS, Mary compreendeu que sua experiência poderia ser útil a outras pessoas. Começou a falar para grupos de apoio e comunitários, para juízes e funcionários públicos. Depois de cada sessão, as pessoas se aproximavam dela para lhe dizer a força que sua história lhes transmitira.

O quadro financeiro dos DeVane também melhorou. A igreja ajudou-os na abertura de um Fundo da Família DeVane, que reuniu dinheiro para uma caminhonete especial para Mary.

Agora, com Steve em casa, a família está mais próxima do que nunca. Para Mary, que perdeu 30 anos de recordações, o menor sorriso ou abraço — que para os outros pouco valor terá — representam itens preciosos de um novo passado.

É o caso daquela noite, no último outono, em que o pequeno Ben en-

trou no quarto para lhe dizer que seu coelhinho morrera. «Ele me perguntou por que todas as coisas boas tinham de ir para o céu», escreveu Mary no diário. «Como assim?», perguntei, e ele me respondeu: 'É como o passarinho do Jeramy, e... e você, mamãe.'

Arrasada, eu ponderei: 'Mas, Ben, a mamãe ainda não foi para o céu!' Ele respondeu: 'Mas as suas coisas melhores foram.' 'Que coisas?' 'A maneira como você corria conosco e como costumava nos levar a todo lugar, mamãe.'

Comecei a chorar e continuei a explicar-lhe que devemos ficar tão ligados às coisas do céu como às da terra. Disse-lhe que, acima de tudo, Jesus estava no céu e também em nossos corações. Ele me respondeu que não entendia e, confessei-lhe, eu também não.

Depois, disse a ele que pelo menos uma das coisas boas da mamãe não tinha ido para o céu. Ele me perguntou o que era. 'Ainda posso alcançar meus meninos no meio da noite.' Ele assentiu, encostou a cabeça ao meu peito e deixou-se adormecer.

Na manhã seguinte, antes de partir para a escola, veio me dizer que estava contente por nem todas as minhas coisas já terem ido para o céu. Respondi-lhe: 'Eu também.'»

— DAILY PRESS - (13 DE FEVEREIRO DE 1994), © 1994 DE THE DAILY PRESS INC., NEWPORT NEWS, VANCOUVER.
FOTO: © DE MARK LOSEY/THE ORLANDO SENTINEL

POR QUE será que, quando um cheque nos é devolvido por não ter fundos, o banco nos cobra ainda mais daquilo que já sabe que nós não temos?

— Brantley C. Lott, EUA